

CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO DE GÊNERO EM BOM-CRIOULO

Luiz Morando
UNI-BH

RESUMO

Este trabalho busca observar as relações de gênero e poder entre as personagens da narrativa *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha. Tais referências levarão em conta o projeto médico-higiênico oitocentista e sua interface com a poética naturalista, tomando como eixo de discussão a forma como a homossexualidade é representada no texto. Para tentar examinar essa proposta, verificaremos os elementos constitutivos da formação de uma trindade sexual, de caráter familiar e zoomórfico, presente na criação dos personagens protagonistas e no conflito representado.

PALAVRAS-CHAVE

gênero, naturalismo, homossexualidade.

Considerada a primeira obra brasileira de ficção a tematizar em primeiro plano a homossexualidade masculina, *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, congrega elementos que possibilitam uma leitura sobre a representação de gênero. A narrativa apresenta aspectos específicos ao tema como era tratado no final do século XIX: a predisposição à atração homoerótica ocasionada pela permanência em recintos fechados (neste caso, o ambiente da Marinha e a vida em alto-mar); a efeminação na adolescência; a puberdade como período de transição perigosa; o ciúme doentio; a visão patológica de 'desvio sexual'. Esses elementos servirão como referência para a análise que este texto se propõe fazer.¹

O enredo é centrado no triângulo Amaro/Aleixo/Carolina, sendo que o narrador distingue, para cada uma dessas personagens, pontos de vista próprios de abordagem da homossexualidade. As três personagens enquadram o homossexual nos limites do desvio, mas são enfocadas conforme visões específicas – o que, em termos literários, deve ser considerado uma inovação. Todavia, essa inovação acaba por significar uma estratégia de multiplicação da condenação e de ênfase nas relações de poder e gênero entre as personagens.

As duas primeiras descrições de Amaro dão a dimensão de sua força e de sua constituição orgânica.

¹ Este ensaio é uma adaptação de parte de um capítulo de minha dissertação – *Transgressores e transviados*. A representação do homossexual nos discursos médico e literário no final do século XIX (1870-1900), defendida em dezembro de 1992, na FALE/UFMG.

Um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada.

(...)

A força nervosa era nele uma qualidade intrínseca sobrepujando todas as outras qualidades fisiológicas, emprestando-lhe movimentos extraordinários, invencíveis mesmo, de um acrobatismo imprevisto e raro.²

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro.³

Essa criatura super-humana, a quem não faltava traço de saúde física, “sofria” de algo que o fazia diferente dos outros homens: sempre fora indiferente ao contato com mulheres, vendo-se frustrado em duas ocasiões, quando deu “péssima cópia de si como homem”⁴. Sempre preferira “a sua pândega entre rapazes a bordo mesmo”⁵ e argumentava que “ninguém está livre de um vício”⁶. O super-homem carrega dentro de si um conflito: “como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?”⁷

O conflito interior, contido pela força de Bom-crioulo, extrapola seu cerco a Aleixo e o sentimento que o grumete lhe desperta:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhares se fitaram pela primeira vez. (...) ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de 15 anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã.⁸

Através do espelhamento do olhar, o gajeiro reconhece no adolescente ainda impúbere sua própria natureza. O olhar de Aleixo reflete a imagem que Bom-crioulo quer ver, o que não acontece com os outros marinheiros. Aleixo permite a Bom-crioulo o reconhecimento de sua atração porque seu período impúbere, sua fase de constituição moral, desvela a brecha da indiferenciação, do tumulto da natureza, dos ímpetus violentos, em que os traços não estão firmados, conforme a mentalidade do Oitocentos.

O reconhecimento permitido por Aleixo leva ao redimensionamento do conflito vivido por Amaro, tensionando a relação entre ambos. O sentimento despertado pelo

² CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1983. p. 15. As demais citações serão feitas por meio da sigla BC, seguida da referida página.

³ BC, p. 20.

⁴ BC, p. 24.

⁵ BC, p. 24.

⁶ BC, p. 20.

⁷ BC, p. 24.

⁸ BC, p. 21.

grumete (entretanto, não confirmado por este) inspira em Amaro um ‘zelo de egoísta apaixonado’, uma “idéia fixa e tenaz”, “um desejo de unir-se ao marujo como se ele fora do outro sexo, de possuí-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo!...”⁹. Aos poucos e em evolução crescente, o desejo transforma-se em obsessão, em fixação, em delírio: “um desejo louco de amor físico, um enervamento irresistível”¹⁰.

Paralelamente a essa fixação, Amaro ameaça a todos que se aproximam de Aleixo, oferecendo-lhe proteção. Bom-crioulo passa a cuidar da “educação” do adolescente, dando-lhe objetos pessoais, ensinando-o a vestir-se, prometendo-lhe outros ganhos caso o adolescente ceda aos seus desejos. Temeroso a princípio, Aleixo cede ao assédio do marinheiro, sonhando com a boa-vida no Rio.

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, Bom-crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade...

– Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se.

E consumou-se o delito contra a natureza.¹¹

Após obter “a maior prova de amizade” e sempre ao lembrar-se da cena transcrita acima, Amaro sentia reacender em si a “febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta...”¹². O desejo satisfeito com o ato sexual aliado à passividade assumida por Aleixo confirma, em Amaro, sua posição de dominador, ao mesmo tempo em que atenua seu conflito. “Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo. Afinal de contas era homem, (...)”¹³

Ligados pelos laços da atração homoerótica, os dois marinheiros desembarcam e alojam-se no sobrado de Carolina. Instalados em um quarto do sótão, Amaro sente-se em um recolhimento de “gozo espiritual”, desfrutando do adolescente, mas pontuando a relação com crises de ciúme e desconfiança.

Entretanto, corrido um ano de convivência, Amaro é deslocado para outro navio. O afastamento abrupto e a dificuldade em rever Aleixo aumentam o ciúme e a desconfiança do gajeiro, estimulando a obsessão pela posse do adolescente. Em certa ocasião, Bom-crioulo foge do serviço para procurar Aleixo. Sem encontrá-lo e enraivecido, envolve-se em uma briga, sendo levado de volta ao navio, castigado com chibata e hospitalizado.

Na enfermaria do hospital, dominado pela lembrança de Aleixo, Amaro deixa-se arrastar por um “mundo de gozos”, pelo rememorar da “atmosfera de lubricidade” do quarto

⁹ BC, p. 23.

¹⁰ BC, p. 27.

¹¹ BC, p. 30.

¹² BC, p. 32.

¹³ BC, p. 32.

do sobrado, pelos momentos de “regalo soberano da carne”, explodindo em “delírios de uma paixão que chegava em loucura”¹⁴. Em momentos de ‘sã consciência’ indignava-se por imaginar “coisas de homem que perdeu o juízo”¹⁵. Aos poucos a obsessão transforma-se em “delírio de raiva” pelo fato de Aleixo não responder a seus bilhetes, em “terrível crise de nervos” e em “febre de vingança”¹⁶. A espera frustrada por Aleixo alimenta a “idéia fixa, obstinada e mortificante” de que o adolescente o trai com *outro*.

A inquietação provocada pela idéia de traição faz nascer o desejo de vingança. No auge do ciúme e do desespero, Amaro deseja gozar em Aleixo o “prazer brutal, doloroso, fora de todas as leis, de todas as normas...”¹⁷. Motivado pelo ciúme, Bom-crioulo foge do hospital ao saber como certo que Aleixo estava ligado a alguém. Ele parte em direção ao sobrado, surpreendendo o adolescente na rua e assassinando-o.

O detalhamento minucioso da fixação de Amaro é o meio encontrado pelo narrador para inseri-lo, com a concordância do aparato científico, no rol da patologia psiquiátrica e chamar a atenção para a ameaça que o homossexual representa para a sociedade. Quanto mais volta se dá no circuito engendrado pela paixão monomaníaca, mais ameaçadora se constitui a presença do homossexual; mais ‘fora da lei e das normas’ ele quer alcançar seu objeto.

Parceiro de Amaro, ao mesmo tempo contraposto a este pela constituição física, Aleixo é um “belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “cousas”.”¹⁸. Sua semelhança com uma mulher é largamente ressaltada na narrativa: Amaro esperava conquistá-lo “como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem”¹⁹; seu traje de marinheiro fazia-o parecer uma mulher; repelia os carinhos do gajeiro “com jeito de namorada”²⁰; Carolina comparava-o com “uma rapariga que se vai fazendo mulher...”²¹.

A ambigüidade física de Aleixo parece ser indicadora da fase de transição acentuada pela entrada na maturidade. Seu caráter é fraco e indeciso: a princípio Amaro inspira-lhe medo, mas o fato de Bom-crioulo sofrer um castigo de chibata em sua defesa o faz mudar de idéia, estimando-o “como a um protetor desinteressado, amigo dos fracos...”²²

A vaidade de Aleixo contribui também para acentuar seu caráter efeminado: Amaro presenteia-o com um espelho, “para que ele visse quanto era bonito”²³. Amaro estimula a semelhança feminina através de conselhos e sugestões no modo de vestir-se e comportar-se. Ao mesmo tempo em que cativa e seduz o adolescente, o gajeiro demarca os lugares que deverão ocupar em breve.

¹⁴ BC, p. 60.

¹⁵ BC, p. 60.

¹⁶ BC, p. 63.

¹⁷ BC, p. 74.

¹⁸ BC, p. 16.

¹⁹ BC, p. 16.

²⁰ BC, p. 30.

²¹ BC, p. 39.

²² BC, p. 22.

²³ BC, p. 24.

Seduzido pelas várias promessas do marinheiro, Aleixo cede às insistências e pedidos de conotação sexual de Bom-crioulo, assumindo o lugar designado por aquele: o da passividade.

Acomodados no sobrado da Rua da Misericórdia, o grumete “trazia a alma na perpétua alegria dos que não têm cuidados”, mas apenas uma coisa o desgostava: “os caprichos libertinos do outro”, os excessos que faziam “dele um escravo, uma “mulher à toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação.”²⁴. Aleixo amuava, dizendo “que aquilo não era cousa que se pedisse a um homem!”²⁵.

O fato de o adolescente ter cedido aos desejos de Amaro não significa, para ele, que tenha deixado de ser homem ou que ele tenha assumido decisivamente seu papel feminino. Houve, no momento da separação dos dois, uma “troca de favores”: Aleixo satisfazia os desejos de Amaro em troca de casa e comida. À demanda erótica ‘pervertida’, mais tarde evoluída para disfunção psiquiátrica sob a forma de obsessão, o grumete pagava com a satisfação sexual e recebia acomodações. Essa relação fica clara em uma passagem no dia do desembarque. Para conseguir a licença, Amaro aconselha ao adolescente mentir para o imediato, dizendo-lhe que precisa visitar um padrinho:

Aleixo criou ânimo, e daí a pouco voltava muito satisfeito, risonho, dando pinchos:
– Não havia nada como a gente ser um menino bonito! Até os oficiais gostavam...
Bom-crioulo é que não gostou da pilhéria.
(...)
– Isso não são brinquedos, repreendeu o negro. Eu quando gosto de uma pessoa gosto mesmo e acabou-se!²⁶

O narrador insinua pela boca de Aleixo que, para conseguir o favor, o grumete não apenas mentira, demonstrando ter aprendido a lição de como utilizar a beleza física em um meio onde mesmo os “outros de categoria superior praticavam [atos de imoralidade] quase todas as noites ali mesmo sobre o convés...”²⁷. Assim, embora cedendo à vontade de Amaro, não havia sentimento amoroso com a mesma intensidade por parte de Aleixo.

Outra passagem ainda mais evidente da ‘troca de favores’ do grumete ocorre logo em seguida à separação dos dois, quando Amaro é designado para trabalhar em outro navio. Cansado da relação de servidão, que durava mais de um ano, Aleixo fica contente com a notícia dos encontros esporádicos.

De resto, o negro não lhe fazia muita falta: estimava-o, é verdade, mas aquilo não era sangria desatada que não acabasse nunca...
Essa idéia penetrou-o como uma lembrança feliz, como um fluido esquisito que lhe inoculassem no sangue. – Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado “àquilo”... O próprio Bom-crioulo dissera que não se reparavam essas cousas no Rio de Janeiro. Sim, que podia ele esperar de Bom-crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... Ora, não valia a pena!²⁸

²⁴ BC, p. 38.

²⁵ BC, p. 38.

²⁶ BC, p. 34.

²⁷ BC, p. 24.

²⁸ BC, p. 43.

Justamente a essa altura da narrativa, Carolina decide conquistar Aleixo. A amizade entre a portuguesa e Amaro nasceu quando o marinheiro a salvara de um assalto. Agradecida, a portuguesa oferecia-lhe um quarto nos períodos que o gajeiro passava em terra, sabendo desde então “que o negro não era homem para mulheres...”²⁹ A convivência com os dois marinheiros no sobrado foi natural, ocasionando mesmo alguns gracejos: “Vocês acabam tendo filhos.”³⁰

Aos poucos, Carolina afeiçoa-se ao adolescente, enchendo-se de um desejo que de início lhe soa extravagante, passando à esquisitice e desembocando em ambição. Os dois excertos seguintes, pré e pós-sedução, são significativos:

Há dias metera-se-lhe na cabeça uma extravagância: conquistar Aleixo, o bonitinho, tomá-lo para si, tê-lo como amantezinho do seu coração avelhentado e gasto, amigar-se com ele secretamente, dando-lhe tudo quanto fosse preciso: roupa, calçados, almoço e jantar nos dias de folga – dando-lhe tudo enfim.³¹

D. Carolina realizara, enfim, o seu desejo, a sua ambição de mulher gasta: possuir um amante novo, mocinho, imberbe, com uma ponta de ingenuidade a ruborizar-lhe a face, um amante quase ideal, que fosse para ela o que um animal de estima é para seu dono – leal, sincero, dedicado até o sacrifício.³²

As duas passagens citadas são mediadas pela seguinte:

Era uma pena, decerto, ver aquele rosto de mulher, aquelas formas de mulher, aquela estatuazinha de mármore, entregue às mãos grosseiras de um marinheiro, de um negro... (...) Aquilo com o outro, afinal, era uma grossa patifaria, uma bandalheira, um pecado, um crime! Se Aleixo havia de se desgraçar nas unhas do negro, era melhor que ela, uma mulher, o salvasse. Lucravam ambos: ele e ela...³³

Amaro e Carolina partem de aspectos comuns ao desejarem Aleixo: o adolescente assemelha-se a um objeto a ser conquistado (uma terra de ninguém) e suas formas são atraentes. De fato, após a primeira relação com Amaro, Aleixo se sente um território livre, passível de ocupação pelo dinheiro ou por qualquer outra forma de sustento. Esse sentido é logo apreendido por Carolina, visando ao lucro como troféu da conquista e garantia de que seu corpo é atraente. Amaro quer apenas saciar seu gozo em troca do sustento, tendo a ilusão de ser amado.

Interessada no território alheio, Carolina esquece a estima que sente por Amaro, deixando emergir os preconceitos racial e sexual. Aleixo fora enganado e “arrastado” pelo negro, que mesmo internado no hospital, insistia no cortejo enviando bilhetinhos ao adolescente: “Grandessíssimo pederasta! Nunca supusera que uma paixão amorosa de homem a homem fosse tão duradoura, tão persistente! E logo um negro, Sr. Bom-Jesus, logo um crioulo imoral e repugnante daquele!”³⁴

²⁹ BC, p. 36.

³⁰ BC, p. 41.

³¹ BC, p. 44.

³² BC, p. 58.

³³ BC, p. 59.

³⁴ BC, p. 66.

Apesar do interesse de Carolina por Aleixo, de sua intenção de “destoucar” a virilidade do adolescente, o narrador insiste na idéia de que o ato sexual perpetrado com Amaro deixara marcas permanentes no sangue de Aleixo: “Toda a noite foi um delírio de gozo e sensualidade. D. Carolina cevou o seu hermafroditismo agudo com beijos e abraços e sucções violentas...”³⁵.

A intenção de tornar viril o adolescente não é frustrada. Só após o ato heterossexual, o narrador descreve Aleixo atribuindo-lhe, pela primeira vez, traços masculinizantes: “Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de um acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado.”³⁶ Com efeito, Carolina havia descoberto sua virilidade, ao mesmo tempo em que havia nutrido seu hermafroditismo. Os elementos inoculados no sangue de Aleixo são reforçados, são estimulados, reativados no contato com a mulher. O hermafrodita é aquele que, se imaginava então, possuía os dois caracteres sexuais na alma: a relação heterossexual, portanto, contribuiu para o desenvolvimento desse conjunto híbrido, uma vez que o caráter homossexual havia sido despertado antes, durante a puberdade. A noção de inerência, aqui, é traduzida na imagem do hermafrodita.

O hermafroditismo atua com tanto efeito na relação triangular das personagens que se desdobra, quase naturalmente, numa trindade profana: pai/mãe/filho e, radicalizando a trindade, touro/vaca/novilho.

O grumete tem “ar filial” na sua relação com Amaro e comporta-se como uma esposa. Amaro assume o lugar do “marido feliz” e sente que o adolescente devia estimá-lo “como a um pai”. Carolina trata Aleixo com “carinho de mãe amorosa”, como filho.

Entretanto, as cenas de relação sexual zoomorfizam as personagens, acentuando o caráter profano da trindade: Amaro sentia “ímpetos de touro”, “dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea...”³⁷; Carolina parecia “um animal formidável, (...) uma vaca do campo extraordinariamente excitada, (...)”³⁸ e Aleixo, nas relações com Carolina, sentia-se possuído de “grande ímpeto selvagem de novilho insaciável”³⁹.

Apesar de ser comum a zoomorfização das personagens entre os autores da poética naturalista, não conheço nenhum outro autor que tivesse utilizado esse artifício de maneira tão completa quanto Adolfo Caminha. Em *Bom-crioulo*, esse recurso parece ter sido empregado com a intenção de remeter ao lugar-comum determinista e marcar uma leitura de gênero: a natureza vale mais que a vontade humana; dentro do ser humano há uma ‘besta’ que descontrola o sentido da razão, nos momentos em que o instinto é ativado através da ‘pólvora do sangue’. Associando-se a isso, os papéis sexuais são mutáveis, sobretudo em indivíduos que são ‘desviados’ em idade impúbere ou por seres que vivem à margem da sociedade (como negros e prostitutas na ótica do pensamento médico do século XIX).

Conforme as teorias evolucionista e positivista, o homem teve acesso ao progresso ao atingir a escala superior da evolução, ao conseguir dominar, dentro de certos limites, o

³⁵ BC, p. 59.

³⁶ BC, p. 65.

³⁷ BC, p. 56 e 39.

³⁸ BC, p. 46-47.

³⁹ BC, p. 58.

conjunto de forças que rege seu corpo (física, intelectual, sexual, etc.). Para continuar nessa escala de progressão, incentivado pelo recente sistema capitalista, é necessário exercer diferentes pressões coercitivas sobre aquelas forças, principalmente sobre aquela que mais facilmente descontrola a razão: a sexualidade. Julgando, por um padrão dominante, o sistema heterossexual de relações como modelo para a sociedade, aquele sistema exclui por eliminação as outras formas e opções de vivência sexual. Tendo em vista a perpetuação do sistema capitalista, são marginalizadas as relações que não têm como finalidade a procriação.

Arrolada nesse meio, a relação homossexual é encarada como ‘desvio físico’ e, em seguida, ‘desvio psíquico’, cabendo à medicina o estudo das questões que envolvam os ‘desviados’ sexuais na tentativa de reconduzi-los às suas funções. Não apenas a sexualidade sofre cerceamentos, mas qualquer forma de prazer e usufruto desse prazer que iniba ou impeça a procriação e a preservação da espécie humana. Esse quadro é fortemente emoldurado pela trindade acima descrita, reforçando laços que se estabelecem sobre relações de poder exercidas na prática sexual.

Apesar de abordar com exclusividade a relação homossexual entre dois marinheiros e suas conseqüências, o narrador traz para sua narrativa, de modo amplificado, o universo das relações sexuais marginalizadas, criminalizando-as também. No entanto, poder-se-ia dizer que as metáforas de conteúdo capitalista utilizadas para caracterizar a trindade formada pelas três personagens principais são incoerentes para a aproximação que o Autor intenta com o sistema capitalista.

Com efeito, como foi visto, Aleixo enxerga a possibilidade de lucro na idéia de prostituir-se para homens ricos e mais velhos; Carolina, que já tivera “uma fortuna de jóias, de ouro e brilhante”, num período em que “o dinheiro entrava-lhe pela porta a jorros”⁴⁰, também vê a possibilidade de lucro erótico ao amasiar-se com Aleixo, e Amaro sente-se como um “capitalista zeloso que traz o dinheiro inviolavelmente.”⁴¹

Na realidade, poder-se-ia dizer que o narrador faz uma crítica, ou pelo menos uma referência sarcástica, ao associar modo de acumulação capitalista/modo de receptação sexual. Porém, ao contrário, o narrador ainda mantém-se ao lado do referencial capitalista. Há uma dupla face nesse sistema: uma, evidente, na qual se associa aos preceitos religiosos pela defesa da não-comercialização do corpo humano, pois este é a representação da Divindade entre os homens, produto feito do sopro divino. A outra face, semi-oculta, preocupada com o lucro necessário à sobrevivência do sistema, utiliza-se de maneira velada daquele comércio, encerrando-o em lugares considerados escusos e de má fama: os bordéis. Este duplo movimento é patente e visível.

Desse modo, a trindade constituída na narrativa fundamenta-se na indiferenciação sexual de Aleixo, que se vê atuando em duas direções opostas ao exercer sua sexualidade: em direção ao desvio (via Amaro) e em direção à norma (via Carolina). A tríade formada vai estabelecer e conformar as relações de poder e gênero sob a ótica do pensamento médico-higienista do século XIX – o indistinto é dominado por dois indivíduos de sexos opostos que querem comprovar para si uma potência (ainda) sexual.



⁴⁰ BC, p. 35.

⁴¹ BC, p. 41.

ABSTRACT

This essay aims at a discussion of gender and power relations in Adolfo Caminha's *Bom-crioulo*. The main focus is the view of homosexuality in the eighteenth-century medical-hygienic project and its influence on naturalist writing, which can be detected in the creation of the main characters as well as in the conflict they represent.

KEY WORDS

gender, naturalism, homosexuality.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTELO, Raul. Protocolos de leitura: o gênero em reclusão. *Gragoatá*, Niterói, n. 3, p. 9-22, 2º sem. 1997.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1983. (Série Bom Livro).

HEILBORN, Maria Luíza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.